

ECONOMIA POLITICA

Prolegomenos

O nome—Economia Politica

Summario:

- I.—Estudo philologico sobre os vocabulos
—*Economia Politica*.
- II.—Filiação historica dessa denominação.
- III.—Outros appellidos propostos ou empregados pelos economistas.
- IV.—Qual a designação preferivel para a sciencia economica.

I

1.—Economia politica: a significação do substantivo—*economia* vem restricta nessa denominação pelo epitheto —*politica*. Logicamente, *economia* é genero; *politica*, especie.

Convém, pois, para a exacta intelligencia da locução, estudarem-se separada e successivamente o sentido e a etymologia dos termos que a compõem.

2.—Comecemos a analyse pela palavra —*economia*.

A varias accepções, mais ou menos analogicas, presta-se esta expressão:

Assim, em linguagem vulgar, a sua mais commum significação é a de—parcimonia, moderação na despesa, ou restricção nos gastos.

Emprega-se tambem, frequentemente, para designar—o conjuncto de leis naturaes que regem algum organismo. E' assim que se diz—«a *economia* animal, a *economia* vegetal» etc.

A mesma expressão é ainda applicada, por semelhança, ás leis ou normas internas de um estabelecimento ou repartição administrativa; em geral, a todo regimen interno administrativo. Nesta accepção, pode-se dizer que—«no governo federativo não deve a União intervir na *economia* dos Estados».

Em sentido concreto, *economia* significa—dinheiro poupado, reservas accumuladas; por exemplo, neste conceito: «As pequenas *economias* perfazem avultado capital».

Outras vezes, sob aspecto formal, é equivalente de—habil administração, recta gestão da fortuna publica ou privada. Nesta accepção, diz-se conceituosamente: «Não gastar—não é *economia*, é avareza».

A palavra *economia* tem, finalmente, ainda um significado, este mais usual na technologia scientifica: o de—dispendio com fito de lucro, gastos effectuados para desenvolverem a producção. Assim, neste enunciado:—«São de boa *economia* as despesas destinadas á reproducção».

3.—Qual a raiz etymologica do vocabulo —*economia*?

Deriva-se elle do grego. De *οικος*, casa, familia, bens, fortuna, riqueza, patrimonio, e *νομος*, lei, preceito, regra, governo, administração; ou de *οικέν*, governar, administrar, e *νομος*, norma, etc. (1).

Com a mesma significação que a sua derivada encontra-se no vocabulario grego a palavra composta—*οικονομία*, empregada por XENOPHONTE, e o adjectivo *οικονομικος*, usado substantivamente por ARISTOTELES.

4.—A *economia* póde interessar a relações:

- a) de ordem *privada* ou
- b) de ordem *publica*.

5.—A *economia privada* subdivide-se em

- a) *economia civil* e
- b) *economia domestica*

Refere-se a *economia civil* á direcção dos interesses do homem como cidadão (*civis*), em suas relações com os outros homens. A *economia domestica*, aos interesses do homem no regaço da familia, no lar, ao governo da sua casa (*domus*).

O estudo da *economia privada*, quer *civil* quer *domestica*, é estranho ao objecto da *Economia Politica*.

6.—A *economia publica* sub-divide-se em

- a) *economia social* e
- b) *economia do Estado*

Aquella interessa á collectividade social; esta, á pessoa politica da nação.

(1) O vocabulo *Οίκος* era empregado mais particularmente para exprimir—o *interior da casa*, e em sentido figurado—o lar. Por ampliação, como dizemos no texto, designava—bens, fortuna, o patrimonio da familia. Assim tambem, a mesma acceção se dá, não raro, no nosso vernaculo, á palavra *casa*, tomada como synonymo de—conjuncto de bens, a fortuna quer de uma familia quer de um commerciante.

Em grego, *casa*, no sentido proprio, material, dizia-se—*οἶκος*. Em nosso idioma, *casa*, além das significações apontadas, tem as de—familia, linhagem, dynastia, e varias outras acceções mui differentes.

7.—Cada uma destas divisões, e bem assim as precedentes, é susceptível de sub-divisões.

Assim, a economia *civil* comprehende a *commercial*, a *industrial*, a *rural*, etc. Na economia *domestica* estão comprehendidas muitas artes e estudos referentes á boa administração da casa.

Por outro lado, a economia *social*, segundo a tecnologia que temos adoptado, abrange—a economia *universal* e a *nacional*; e a economia do *Estado*, comporta as sub-divisões em—*geral* e *local* ou, no regimen federativo,—economia —*federal*, *estadual* e *municipal*.

8.—Estudemos agora a etymologia do segundo termo da locução *Economia Politica*.

O adjectivo—*politica* deriva-se do latim *politicus*, a *um*, expressão empregada por CÍCERO, no mesmo sentido hodierno; origina-se, porém, do grego, de *πολιτικός* relativo ao governo; ou de *πολις*, cidade: *cidade*—em sua accepção figurada, analoga á do latim *civitas*, e não á de *urbs*. Exprime, com effeito,—o Estado, a associação politica. Por derivação, significa igualmente — governo, poder publico. O qualificativo—*politico*, por sua vez, corresponde a—relativo ao governo, ao poder publico.

9.—A denominação composta—*Economia Politica*, assim consorciada, designa, portanto, pela sua dupla accepção originaria,—«norma reguladora da fortuna publica», ou, n'outros termos, —«administração da riqueza do Estado».

10.—Não coincide, todavia, tal intelligencia etymologica com a usual significação, nem tão pouco com a accepção erudita, daquellas expressões. Desviaram-se ellas do seu sentido litteral, e são geralmente empregadas para designarem objecto differente.

Assim, a *Economia Politica* não tem por escopo, quer no entendimento vulgar, quer no conceito dos doutos, o estudo das leis da fortuna publica, propriamente, da riqueza do Estado; mas da fortuna e da riqueza particulares, collectivamente consideradas, a saber—da sociedade, abstracção feita da fórma do seu governo. Não se occupa ella com o patrimonio, as rendas e despesas do Estado, como pessoa juridica ou entidade politica, orgam da soberania. Este é, com effeito, o objecto de outra sciencia, --da *Sciencia das Finanças*.

11.—Mais quadraria com a natureza das materias geralmente agrupadas como pertencentes ao dominio da *Economia Politica* a denominação—*Economia Social*. Esta, porém, empregada embora por alguns economistas, não deixa por sua vez, como adiante mostraremos, de offerecer inconvenientes.

II

12.—Segregadamente, cada um dos vocabulos componentes do nome — *Economia Politica* tem, como vimos, idade vetusta; por isso que foram empregados ambos, sob as roupagens peculiares aos respectivos idiomas, por autores gregos e romanos. A locução, porém, *Economia Politica*, assim composta, era desconhecida dos antigos. Isso pela razão natural de que naquelles tempos tambem não era ainda nascida a sciencia que ella designa.

Ninguem duvida de que, nas sociedades antigas e na média idade, os homens politicos, os oradores, como observa GARNIER, tenham celebrado idéas, planos e systemas economicos, que os governos seus contemporaneos —mais ou menos applicaram; não se póde, contudo, dizer que tenha havido sobre esse ramo de es-

tudos, antes do XVIII seculo, um corpo de doutrinas, um conjuncto de conhecimentos com organização scientifica (2). Preconisavam-se, então, e se applicavam, principios de economia politica, sem se dar por isso; mais ou menos como fazia prosa Monsieur Jourdain...

13.—Nada mais simples do que, de posse dos principios reguladores da fortuna privada, applicarem os escriptores antigos essas mesmas idéas ás relações sociaes, e assim, para denominarem este novo ramo de estudos, addicionarem ao substantivo *οικονομια* qualquer adjectivo que lhe modificasse a significação, e designasse—collectividade, generalidade, cidade etc. Isto, porém, não se deu; e parece que, de facto, não tiveram os autores antigos nenhuma noção apreciavel de uma *economia* publica, social ou civil, por opposição á *economia-domestica*.

Este objecto melhor estudaremos, quando fizermos a rezenha historica da sciencia economica.

14.—Menciona-se geralmente como a primeira obra em que apparece o nome *Economia Politica* um livro de MONTCHRETIEN, publicado em principios do seculo XVII (3).

15.—Mais tarde, em 1755, ROUSSEAU, escreveu sob esse mesmo titulo um artigo que figura na Encyclopedia. Neste escripto, porém, analogo quanto ás doutrinas ao seu famoso *Contracto Social*, occupa-se o eminente autor tão sómente de theorias politicas e da administração governamental, que elle denominava com incontestavel propriedade—*economia politica*, em antagonismo ao governo domestico, ou a *οικονομια* dos antigos.

(2) J. GARNIER, *Journal des Economistes*, tom. XXXII, de Maio a Agosto de 1852.

(3) ANTOINE MONTCHRETIEN, *Traité de l'Economie Politique*. Ruão, 1615.

16.—QUESNAY, que os economistas geralmente denominam—o pai da Economia Política, e MACLEOD, condecorou com o título de —o *Copernico*—dessa sciencia, não foi prompto, nem elle nem os seus discipulos, em empregar a denominação *Economia Política*, ainda que o adjectivo—*economico*, sob as suas diversas formas terminativas, figure frequentemente nos escriptos da escola physiocratica.

Em 1758, foi publicado o *Tableau Économique* de QUESNAY, e pouco depois os seus *Problèmes Économiques*.

17.—Posteriormente, em 1763, um empregado da administração financeira dava á publicidade um livro sobre diversos assumptos mais ou menos relacionados com a sciencia economica, e o denominava —O. Economico politico, *L'Econome*, e não *l'Economie, politique*, como por erro typographico figura algumas vezes nas bibliographias (4). Entretanto, já no anno anterior, figurava o nome *Economia Política* em escriptos de autores hespanhoes (5).

18.—Ainda que, d'ahi por diante, empregada alternativamente com outros nomes, a designação *Economia Política* começasse a figurar nos trabalhos de PIETRO VERRI (6), nos de JAMES STEWART (7), de DUPONT de NEMOURS, o mais notavel dos discipulos de QUESNAY (8), e de varios outros economistas da

(4) J. GARNIER, *Journal des Economistes*, lug. cit.

(5) D. ANTONIO MUÑOZ, *Discurso sobre la Economía Política*, Madrid, 1762.

(6) PIETRO VERRI, *Memorie storiche sulla economia pubblica dello stato di Milano*, Milão 1763.

(7) JAMES STEWART, *An inquiry on the principles, of political economy*, Londres, 1767.

(8) DUPONT DE NEMOURS, *La science nouvelle*, Paris, 1768; Idem, *Physiocratie, ou constitution naturelle du gouvernement le plus avantageux au genre humain*, Leyde e Paris, 1768; Idem, *Discussions et développements sur quelques unes des notions de l'économie politique*, Leyde e Paris, 1769.

quella época (9); todavia, o uso do nome actual dessa sciencia não se generalizou senão de 1776 em diante, com a publicação das obras de ADÃO SMITH seguidas, annos depois, das de GERMANO GARNIER (10), de J. B. SAY e de SIMONDE de SISMONDI (11).

19.—D'ahi por diante, até os nossos dias, tem definitivamente conquistado os fóros de cidade nos dominios da sciencia, apesar da já assignalada dissonancia da sua significação litteral, a denominação—Economia Politica.

III

20.—A impropriedade do nome *Economia Politica*—tem sido igualmente arguida por grande numero de escriptores.

D'ahi pelos mesmos a adopção de outros appellidos, em substituição daquelle.

Iniciativa, porém, esteril em resultado. A despeito da justa censura em que incorre, continúa a prevalecer a designação antiga, na nomenclatura autorizada dos doutos não menos que no uso geral e constante do vulgo.

21.—Das diversas denominações suggeridas pelos economistas, ou por elles adoptadas como titulos para as suas obras, havemos catalogado as seguintes:

(9) MIRABEAU pai, *Mercier de la Rivière, Baudeau, Le Trosne, Mably* e outros, que floresceram de meados para os fins do seculo XVIII.

(10) GERMAIN GARNIER, *Abrégé élémentaire des principes d'Economie Politique*, Paris 1796.

(11) J. B. SAY, *Traité d'Economie Politique*, Paris, 1803; SIMONDE DE SISMONDI, *Richesse commerciale, ou Principes d'Economie Politique*, Genebra, 1803.

—CREMATISTICA (κρηματα, bens, riqueza, fortuna) proposta por Aristoteles, e modernamente por Oliveira Martins (12).

—CHRYSOLOGIA ou CHRUSOLOGIA, (χρυσος, moeda, ouro, e λογος estudo, tratado, etc.) por Theodoro Fix e Rossi (13).

—PLUTOLOGIA (πλυτος, riqueza, abundancia, o deus Plutus, e λογος), por Hearn (14).

—PLUTONOMIA (πλυτος e νόμος), por R. Guyard (15).

—CATALLACTICA (καταλλαγή, troca, permuta) por Wathely (16).

—CHREMONOMIA ou CREMOLOGIA (κρημα, riqueza); PONONOMIA, ou PONOLOGIA (πονος, trabalho); TECHNOLOGIA (τεχνη, industria), lembrados por Garnier (17).

—PHYSIOCRACIA (Φυσις, natureza, bens materiaes, e κρατειν, mandar, governar) por Dupont de Nemours (18).

—PHYSIOLOGIA SOCIAL (Φυσις e λογος) por A. Coste e Guillemenot (19).

PSYCHOLOGIA SOCIAL (Ψυχή, alma, vida, espirito, e λογος) por P. Rossi (20).

(12) J. P. OLIVEIRA MARTINS, *O Regime das Riquezas*, com o sub-titulo—*Elementos de Chrematistica*. Lisboa, 1883.—ARISTÓTELES e XENOPHONTE empregaram a expressão Χρηματιστική.

(13) J. GARNIER, *Journal des Economistes*, tomo XXXII, de Maio e Agosto de 1852.

(14) HEARN, *Plutology, or the efforts to satisfy human wants*, Londres, 1864.

(15) GUYARD, *De la Richesse, ou Essai de Plutonomie*, Paris, 1864.

(16) R. WATHELY, *Introductory Lectures on Political Economy*, Londres, 1831.

(17) J. GARNIER, *Journal des Economistes*, tom. XXXIII, de Setembro a Dezembro de 1852.

(18) DUPONT DE NEMOURS, *Physiocratie*, Paris, 1768.

(19) ADOLPHE COSTE, *Nouvel Exposé d'Economie Politique et de Physiologie Sociale*, Paris, 1889; P. GUILLEMENOT, *Eléments d'Economie Politique*, Paris 1884.

(20) M. P. ROSSI, *Cours d'Economie Politique*, Paris, 1851.

—PSYCHOLOGIA ECONOMICA, por Tarde e Baudeau (21).

—PHILOSOPHIA ECONOMICA (*Φίλος*, amigo e *σοφία*, sabedoria), por Macleod (22).

—POLITICA ECONOMICA, por Von Rotteck (23).

—DIREITO NATURAL, por Quesnay (24).

—PHYSICA DA SOCIEDADE, por C. P. Pons (25).

—DIVICIARIA (*Divitiæ, arum*, bens, riqueza, fortuna) mencionada por varios autores (26).

—SCIENCIA DO ESTADO, por J. Garnier (27).

—SCIENCIA SOCIAL, por H. C. Carey (28).

—SCIENCIA DAS RIQUEZAS, por Arnd (29).

—SCIENCIA DA PRODUÇÃO DA RIQUEZA, por Torrens (30).

—SCIENCIA DA ABASTANÇA, OU DA FARTURA NACIONAL, por Schenk (31).

—SCIENCIA DAS PERMUTAS, SCIENCIA DO VALOR OU SCIENCIA DO COMMERCIO, por Macleod (32).

(21) TARDE, *Psychologie Economique*. Paris, 1902; BAUDEAU, *Première Introduction à la Philosophie Economique*, Paris, 1769.

(22) H. D. MACLEOD, *The Principles of Economical Philosophy*, 2.^a ed., Londres, 1872.

(23) K. VON ROTTECK, *Öconomischen Politik*, Stuttgard, 1835.

(24) F. QUESNAY, *Tableau Economique*, Paris, 1758; *Physiocratie*, Paris, 1768.

(25) C. P. PONS, *Staatswirthschaftslehre*, Berlim, 1736.

(26) GARNIER, ROSSI e GUILLEMENOT, nas obras já citadas; e por outros economistas.

(27) J. GARNIER, *Notes et Petits Traités*, Paris 1875, 2.^a ed.

(28) H. C. CAREY, *Principles of social science*, Londres, 1859.

(29) R. ARND, *Neu Wicks-Wissenschaft*. Weimar, 1821, e sob outro titulo, edição de 1845.

(30) R. TORRENS, *An Essay on Production of Wealth*, Londres, 1821.

(31) R. F. SCHENK, — *Volkswirthschaftslehre*, Sluttgard, 1831.

(32) H. D. MACLEOD, obr. cit.

—SCIENCIA DO TRABALHO, por Fonteyraud e por Mélon Martin (33).

—SCIENCIA DA UTILIDADE, por Fontenay (34).

—SCIENCIA DA OPHELIMIDADE (*Οφελλιμος*, proveitoso) por V. Pareto (35).

—SCIENCIA ECONOMICA por Cherbuliez, Yves de Guyot e Sidgwick (36).

—SCIENCIAS ECONOMICAS, por Gioja (37).

—REGIME DAS RIQUEZAS, por Oliveira Martins (38).

—THEORIA DAS RIQUEZAS, por Cournot, Friedlander e Lindwurzn (39).

—THEORIA DAS RIQUEZAS SOCIAES, por F. Skarbeck (40).

—ESTUDO SOBRE A NATUREZA E A CAUSA DA RIQUEZA DAS NAÇÕES, por A. Schmith (41).

—EXAME SOBRE AS ORIGENS DA RIQUEZA PRIVADA E PUBLICA, por Bosselini (42).

—TRACTADO DA RIQUEZA INDIVIDUAL E DA RIQUEZA PUBLICA, por L. Say, irmão de J. B. Say (43).

(33) FONTEYRAUD — *Mélanges*, Paris 1853; MELITON MARTIN, *Le Travail humain*, Paris, 1878.

(34) FONTENAY.—*Rapports du juste et de l'utile*. Journal des Economistes fasc. de Julho de 1852.

(35) VILFREDO PARETO—*Cours d'Economie Politique*, Lausanne 1896.

(36) CHERBULIEZ—*Précis de la Science Economique*, Paris, 1862; YVES DE GUYOT—*La Science Economique*, Paris, 1881; SIDGWICK, *The scope method of Economic Science*, Londres, 1885.

(37) MELCHIOR GIOJA, *Nuovo prospetto delle Scienze Economiche*, Lugano 1838.

(38) J. P. DE OLIVEIRA MARTINS, obr. cit.

(39) COURNOT, *Principes de la Théorie des Richesses*, Paris, 1883; FRIEDLANDER—*Die Theorie der Whertes*, Dorpat 1865.

(40) Conde F. SKARBECK—*Theorie des Richesses sociales*, Paris, 1828.

(41) ADAM SMITH, *Au Inquiry into the nature and causes of the wealt of nations*, Londres, 1776.

(42) C. BOSSELINI—*Nuovo esame delle Lorgente della privata e publica ricchezza*, Modena, 1817.

(43) L. SAY—*Traité élémentaire de la Richesse individuelle et de la Richesse publique*, Paris, 1817.

- HARMONIAS ECONOMICAS, por Bastiat (44).
- ECONOMICO, por Aristoteles (45).
- ECONOMICO POLITICO, por Faiguet de Villeneuve (46).
- ECONOMICA, por Leroy Beaulieu, Gide e J. Garnier (47).
- ECONOMICA NACIONAL, por H. Bischof (48).
- ECONOMICAS, por Macleod e Marshall (49).
- ECONOMISMO, por adversarios da sciencia economica (50).
- ECONOMICAS DA INDUSTRIA, por Marshall (51).
- ECONOMIA, por Piernas y Hurtado e Von Halle (52).
- ECONOMIA CIVIL, por Genovesi, Scuderi, D'Avila e Normante y Carcavilla (53).

(44) FREDERIC BASTIAT, *Harmonies Economiques*, Paris, 1849. Foi extrahida em 1870 a 6.^a edição desse livro conceituoso e eloquentissimo.

(45) ARISTOTELES—O *Οικονομικος*. O grande philosopho grego floresceu de 384 a 322 antes da era christã.

(46) FAIGUET DE VILLENEUVE,—*L'E'conome politique*, Paris, 1763.

(47) P. LEROY BEAULIEU, *Traité théorique et pratique d'Economie Politique*, Paris, 1896; CHARLES GIDE—*Principes d'Economie Politique*, Paris, 1898; JOSEPH GARNIER,—*Notes et Petits Traités*, 1857.

(48) H. BISCHOF,—*Grandzüge eines Systemes der National-Ökonomik*, Graz, 1874.

(49) H. D. MACLEOD,—*Economics for beginners*, Londres, 1878; ALFRED MARSHALL, *Principles of Economics*, Londres 1881; Idem—*The New Cambridge Curriculum in Economics*, Londres, 1903.

(50) Em geral as desinencias em—ismo são empregadas com intento peiorativo, como observa, ao referir a denominação *Economismo*, GUILLEMETOT, *Elements d'Economie Politique*, Paris, 1884.

(51) A. MARSHALL,—*Economics of Industry*, Londres, 1892.

(52) PIERNAS Y HURTADO,—*Vocabulario de la Economia*. Saragossa, 1882; E VON HALLE, *Revue Economique Internationale*, n. de 15-20 de Junho de 1904, Paris.

(53) GENOVESI,—*Economia Civile*. Napoles, 1754; SCUDERI,—*Principii di Civile Economia*, Napoles, 1829; D'AVILA, *Leciones de Economia Civil y del Comercio*, Madrid, 1779; NORMANTE Y CARCAVILLA.—*Proposiciones de Economia Civil y de Comercio*, Saragossa, 1785.

—ECONOMIA PURA, por Pantaleoni (54).

—ECONOMIA POLITICA PURA, por Walras (55).

—ECONOMIA INDUSTRIAL, denominação dada á cadeira de Economia Politica do *Conservatoire des Arts et Métiers* de Paris, em 1819; tambem usada por alguns economistas, como attestam P. Coq., P. Rambaud e Valladas (56).

—ECONOMIA PUBLICA, por Becaria, Saint-Chamans, H. Fonfrède, Colton e outros (57).

—ECONOMIA DO POVO, por L. Poelitz, Roscher, Mangoldt e outros economistas allemães (58).

—ECONOMIA DO ESTADO, por C. P. Pons, Gavard e outros, tambem allemães (59).

—ECONOMIA NACIONAL, por Ortes e a generalidade dos economistas allemães (60).

(54) MAFFEO PANTALEONI, — *Principii di Economia Pura*, Florença, 1889.

(55) L. WABRAS, — *Elements d'Economie Politique Pure*, Paris, 1874.

(56) PAUL COQ, — *Economie Industrielle*. Paris, 1877; PROSPER RAMBEAUD, *Economie Politique*, Paris, 1897, VALLADAS, *Economia Elementar*, Lisboa, 1902.

(57) BECARIA, *Discurso de inauguração do curso de sciencias cameraes*, Milão, 1769. A denominação *Sciencias Cameraes* era dada á Economia Politica, nos seculos XV e XVI, como attesta LEROY-BEAULIEU, obr. cit. vol I, pag. 7; SAINT-CHAMANS, *Traité d'Economie Publique*, Paris, 1852; H. FONFRÈDE—*Questions d'Economie Publique*, 1846; COLTON, — *Public æconomy*, Londres, 1848.

(58) L. H. POELITZ, *Volkswirtschaftslehre*, Leipzig, 1827; W. ROSCHER, — *System der Volkswirtschaft*, Berlin, 1892; VON MANGOLDT, — *Volkswirtschaftslehre*, Stuttgart, 1868; H. SCHÖBER, — *Volkswirtschaftslehre*, Leipzig, 1882.

(59) C. P. PONS, — *Staatswirtschaftslehre*, Berlin, 1836; GAVARD, — *Grundlinien der reinen und angewandten Staats Æconomie*, Wurzburg, 1796; SARTORIUS, WEBER, HUFELAND, SCHMALTZ, LOTZ, ZACHARIÆ, VON JUSTI e outros, sob titulos semelhantes.

(60) GIAN MARIA ORTES, *Della Economia Nazionale*, Milão, 1774. Sob a mesma denominação, approximadamente, *Dei National Æconomie*, escreveram VON JACOB, Halle, 1896; Coude Die Sonde, Leipzig, 1805; LOTZ, Coburgo, 1811; LEIPZIGER, Berlin, 1713; VON BUQUOY, Leipzig, 1826; LEUDER, Juna, 1820; OBERNDORFER, Landshut, 1822; SCHOEN, Stuttgart, 1735; RIEDEL, Berlin, 1841; HILDEBRANT, Francfort, 1847; H. HAU, Leipzig (obra reeditada muitas vezes); BISCHOF, Graz, 1874-76, e grande numero de economistas hodiernos.

—ECONOMIA NACIONAL E SOCIAL, por Murard, Krauser e Sartorius (61).

—ECONOMIA DOS POVOS E DOS ESTADOS, por F. Lampertico (62).

—ECONOMIA SOCIAL, por Ott. Scialoja, Kraus, Schloezer, Hufeland, Harll, Eiselen, Von Seutter, Zachariæ, Lotz, Dunoyer, Buat e varios outros escriptores, principalmente allemães ou da Suissa germanica (63).

—ECONOMIA SOCIAL E INTERNACIONAL, por J. J. Reymond (64).

—ECONOMIA SOCIAL SEGUNDO AS LEIS DA NATUREZA, por Von Ehrenthal (65).

—ECONOMIA POLITICA SCIENTIFICA, por Arendt (66).

—ECONOMIA POLITICA RACIONAL, por Wolkoff (67).

—PHISOLOPHIA DA ECONOMIA POLITICA, por Hamelius e Dutens (68).

(61) R. MURHARD, *Haushaltung National und gesellschaftlich*, Geoltingue, 1808; SARTORIUS, *Handbuch der Staats-Wirthschaft*, Berlim, 1726; Koenisberg, 1808; G. F. KRAUSEN, *Nationnal Œconomie und staats wirthschaft*, Leipzig, 1830.

(62) Fed. LAMPERTICO, *Economia dei Populi e degli Stati*, Milão, 1874.

(63) Ant. SCIALOJA, *Principii d'Economia Sociale*, Napoles, 1840, com varias edições posteriores e versão para o francez, esta editada em Paris, 1844; C. J. KRAUS, *Staatswirthschaftslehre*, Koenisberg, 1808-11; e, sob titulos eguaes ou muito approximados; C. VON SCHLOEZER, Riga, 1805-7; G. HOFELAND, Giessem, 1815; J. P. HARLL, Erlangen, 1811; J. F. G. EISELEN, Berlim, 1818; VON SEUTTER, Ulm, 1823; K. S. ZACHARIÆ, Heidelberg, 1831; J. F. G. LOTZ, Erlangen, 1838; STRUENSEE, Berlim 1800; DUNOYER, *Traité d'Economie Sociale*, Paris, 1830; CONDE DU BUAT, *Éléments de la Politique, ou Recherches des vrais principes de l'Economie Sociale*, Paris, 1775.

(64) J. J. REYMOND, *Etudes sur l'Economie Sociale et Internationale*, Turim, 1860-61.

(65) VON EHRENTAL, com o titulo supra, Leipzig, 1819.

(66) CHARLES ARENDT, *Economie Politique Scientifique*, Paris, 1899.

(67) MATHIEU WOLKOFF, *Précis d'Economie Politique Rationnelle*, Paris, 1868.

(68) ETIENNE HAMÉLIUS, *Philosophie de l'Economie Politique*, 1891; J. DUTENS, *Philosophie de l'Economie Politique*, Paris, 1835.

—ECONOMIA GERAL E POLITICA, por Mirabeau pai (69).

—METAPHYSICA DA INDUSTRIA, *Metaphysik der bethrichsamkeit*, por varios escriptores allemães, no testemunho de J. Garnier (70).

22.—Convém procedermos a ligeiro estudo critico sobre essas denominações, afim de lhes apreciarmos o merecimento, e bem assim a legitimidade da pretensão que se arrogam os seus autores de supplantar o nome—Economia Politica.

E' o que passamos a fazer.

IV

23.—Compete o primeiro lugar nesta analyse á expressão *Chrematistica*, já pela sua importancia chronologica, pois data dos escriptos de Aristoteles; já pelos autores que a prestigiam, além do sabio philosopho.

Não lhe podemos, todavia, dar o nosso voto.

Essa denominação, ainda que, por sua etymologia, applicavel com certa propriedade ao objecto geral dos estudos economicos, por isso que designa riqueza, bens, fortuna; entretanto, não é assaz comprehensiva, no proprio testemunho de alguns dos seus introductores. Não abrange todos os phenomenos de producção, distribuição e consumo da riqueza. «Chrematistica e Economia são *especies diversas*, diz OLIVEIRA MARTINS: a primeira é uma sciencia abstracta, a segunda uma sciencia concreta ou uma arte de appli-

(69) MIRABEAU, *La Philosophie Rurale, ou l'Economie Générale et Politique de l'Agriculture, réduite à l'ordre immuable des lois physiques et morales qui assurent la prospérité des empires.*

(70) J. GARNIER, *Journal des Economistes*, vol. cit.

cação. Uma expõe a theoria da formação das riquezas, a outra as regras reguladoras da sua distribuição politica». (71)

Este, porém, não é para nós o motivo pelo qual regeitamos a substituição de um por outro desses nomes, ou ainda a adopção parallela de ambos.

A expressão *crématistica*, exclue, por sua significação, o estudo dos capitaes immateriaes: eis ahi a razão decisiva da opposição que lhe fazemos.

24. — A' *Plutologia* e á *Plutonomia* cabem as mesmas reflexões. *Chrisologia* deve, *a fortiori*, ser regeitada; pois, ainda mais restricta, pareceria circumscrever a riqueza ao ouro, á moeda metallica: doutrina hoje caduca, outr'ora preconisada por importante escola economica, que já fez epoca.

25. — Assim como, segundo observa GARNIER, *Pononomia* ou *Ponologia* se prestariam a confusões com *Pomologia*, tambem poderiam occasionar trocadilhos as denominações *Chremonomia* e *Cremologia*.

Ha, entretanto, razão mais seria para a não acceitação desses nomes. E' que não constitúe o *trabalho* (*πovός*) o exclusivo objecto da sciencia economica. A mesma argumentação oppõe-se a *Technonomia*,—regras da industria.

26. — A denominação *Catallactica*, allusiva ao objecto essencial da Economia Politica, a saber as *trocas* dos serviços, productos, ou mercadorias, affigura-se a diversos autores demasiadamente restricta.

(71) OLIVEIRA MARTINS, obra cit. Introducção. No desenvolvimento da mesma idéa, elle accrescenta: «Estão entre si (a *Crematistica* e a *Economia Politica*) como a *physiologia* e a *medicina*, como a *jurisprudencia* e o *governo* das nações, ou como a *mathematica* e a *engenharia*. Uma é estavel, por ser abstracta; a outra variavel, nas suas regras, com a variação indefinida das condições, do genio, dos estados e da idade das sociedades.»

Sem anteciparmos a refutação dessa idéa, limitamo-nos, por ora, a regeitar esse nome, simplesmente por elle não ter até ao presente alcançado a consagração do uso...

...quem penes arbitrium est et ius et norma loquendi.

Analogo a *Catallactica*, seria o neologismo *Timologia*, ou *Timonomia*, de τιμη, valor; pois, de facto, o estudo do valor—é o verdadeiro objecto da Economia Política.

27. — *Physiocracia, Physiologia Social, Physica da Sociedade* lembram os preconceitos da escola physiocratica, que enxergava na natureza physica, especialmente na terra, a unica origem de toda riqueza.

28. — *Psychologia Social e Psychologia Economica* são expressões metaphoricas. Convem na terminologia scientifica evitar-se, quanto possivel, o emprego de tropos de linguagem.

29. — *Philosophia Economica*, além de nome pretencioso, não exprimiria senão certa parte dos estudos economicos.

30. — *Politica Economica, Direito Natural* referem-se manifestamente a objecto diverso do da Economia Política.

31. — *Diviciaria, Sciencia das Riquezas, Regime das Riquezas, Theoria das Riquezas, Sciencia da Produção da Riqueza, Sciencia da Abastança Nacional*—constituem denominações defeituosas, visto a idéa geralmente estreita de — bens, riqueza, abastança: não comprehensiva dos capitales immateriaes.

No mesmo defeito incidem, além do de serem sesquipedaes, os titulos:—*Estudo sobre a natureza e a*

causa da riqueza das nações, e este outro — *Exame sobre as origens da riqueza privada e publica*; e ainda este — *Tratado da riqueza individual e da riqueza publica*.

32.—A denominação *Sciencia do Trabalho* traria o inconveniente de induzir que o trabalho é o unico agente de producção.

Na mesma pecha, pelo seu exclusivismo quanto á industria, incorrem as denominações — *Economia Industrial* e — *Economicas da Industria*.

33.—*Sciencia da Utilidade*; a menos que se desvirtue a noção habitual do *util*, comprehenderia um elemento moral estranho á Economia Politica.

34.—Apezar da distincção que um notavel professor suiso se esforça por estabelecer entre a utilidade e a *ophélimidade*, ainda assim não sómente não pegou esse neologismo, como tambem a noção nelle contida não é a origem proxima do valor; não póde, portanto, constituir o objecto essencial da Economia Politica ao ponto de lhe dar o nome.

Confirmaremos opportunamente com maior desenvolvimento, esta nossa asserção.

35.—*Sciencia economica*, *Sciencias economicas* comprehendem egualmente a *economia privada* e todas as suas sub-divisões.

Além disso, não deve constituir denominação para uma sciencia um mero adjectivo.

Preferivel fôra, neste caso, o titulo — *Economia tout court*. Como, porém, *Economia* é genero, faz-se indispensavel determinar-se a differença especifica. D'ahi a grande variedade de qualificativos que geralmente lhe addicionam os economistas (72).

(72) E' interessante o que sobre essa expressão escreve na citada *Revue Economique Internationale*, vol. II, de 1904; o insigne professor VON

36.—*Economico* e *Economico Politico* parecem referir-se a um substantivo occulto e subentendido. Estudo, tractado? Esta formula, porém, não é vernacula.

37.—*Economica*, adjectivo substantivado, analogamente ás expressões —*Physica*, *Chimica*, *Mecanica*, que tambem se substantivaram no emprego scientifico, e estão hoje consagradas pelo uso.

38.—*Economicas*, á imitação de *Mathematicas*, é um adjectivo, que subentende o substantivo *sciencias*.

Esta e a precedente denominação, peccam, na hypothese, pela sua generalidade; pois designam toda a sciencia economica, e não sómente a Economia Politica.

Poder-se-ia, entretanto, por uma convenção entre os competentes, ligar a taes vocabulos um sentido determinado. Pois, não occorre outro tanto em relação aos vocabulos —*Mathematica*, *Physica* e *Chimica*, o ultimo dos quaes tem uma significação usual mais ampla, e os dois primeiros mais restricta que a etymologica? (73).

HALLE: «Que é a economia (*Wirtschaft*)? Temos na Allemanha a vantagem de possuir esta palavra; não n'a possuem, com effeito, as outras nações. A *political economy* dos Inglezes, a *economie politique* dos Francezes não contem a variedade de acceções que nós damos a *Wirtschaft Volkswirtschaftslehre*. «Economisar» quer dizer, em nosso idioma, praticar com energia acções systematicas para satisfazer por mais tempo as necessidades materiaes do homem. A economia é uma palavra que se refere á totalidade de instituições, de objectos e de meios de producção e ás fórmulas diversas de capital. E' sobre tudo por não conhecerem as outras nações este ultimo sentido da economia politica que o ensino da sciencia politica as tem conduzido muitas vezes ao arido terreno das theorias vagas.»

(73) Effectivamente, a *Mathematica* (de *Μαθημα* aprender, *μαθημα* sciencia) não comprehende a sciencia encyclopedica, mas tão sómente a da extensão, dos numeros, do calculo. Por sua vez a *Physica* (de *Φυσις* natureza) não estuda toda a natureza, mas tão sómente as propriedades dos corpos. Finalmente, a *Chimica* (de *Χυμος*, *succo*) tem mais amplo dominio que o estudo dos succos, ou das emanções dos corpos.

39.—*Sciencia das Permutas, Sciencia do Valor, Sciencia do Commercio.* Se bem que, quanto ao fundo, reputemos acertadas essas denominações, especialmente a segunda, entretanto preferimol-as como fórmulas concisas proprias para dar uma exacta noção do objecto da Economia Politica, antes que como o nome dessa sciencia.

Demais, carecem ellas da sancção do uso.

40.—*Harmonias Economicas*—é um nome de phantasia, magnifico para titulo de um livro, sem levar a velleidade de mudar a denominação de uma sciencia. Nem este intuito jámais teve o eminente BASTIAT.

41.—Como dissemos, é frequente addicionar-se á palavra *Economia* um epitheto restrictivo—*Civil, Publica, Nacional, Social, do Povo, do Estado*, e outros mais ou menos synonymos de *Politica*.

Civil, Nacional, do Povo—nos parecem inconvenientemente restrictivos, quando destinados a designarem toda a sciencia da Economia Politica, e não tão sómente o seu estudo particularisado a uma sociedade, a uma nação.

As expressões *Economia Publica* e *Economica do Estado*, são mais proprias ao objecto da *Sciencia das Finanças*.

42.—Contra a denominação *Economia Social* militam varias razões.

Dizem, primeiramente, que essa formula contribuiria para avivar as prevenções dos adversarios da sciencia economica, os quaes lhe imputam o desenvolvimento das idéas socialistas.

Tal objecção, como se vê, é de valor muito secundario.

Aquella denominação, porém, não deve prevalecer; porque comprehende mais do que o objecto que tem de designar. Comprehende, pela sua amplitude, muitos estudos sociologicos que escapam á orbita geralmente traçada para a Economia Politica.

43.— Os titulos *Economia Pura*, *Economia Politica Pura*, *Economia Politica Scientifica*, *Economia Politica Racional* denotam a intenção, em seus autores, de caracterisarem uma especialidade de estudos; e são empregados por opposição a *Economia Politica Applicada*, *Pratica*, *Positiva*, *Nacional* ou *Peculiar*. Indicam, assim, estudos *theoricos*, desprendidos das contingencias da *pratica*; exposição de *principios scientificos*, com abstracção de *regras* ou *preceitos*, que esses autores filiam á *arte* economica: como se fosse admissivel antagonismo entre *theoria* e *pratica*, entre *sciencia* e *arte* (74).

(74) Subscrevo com prazer uma lucida demonstração desse asserto, feita no *Diario de S. Paulo* de 3 de Julho de 1873 pelo então 5.º annista da *Faculdade de Direito*, Dr. Antonio Augusto de Bulhões Jardim, intelligencia promissora, prematuramente roubada pela morte ao serviço da sciencia e da patria. Nesse trecho expunha o talentoso academico doutrinas leccionadas pelo nosso sabio mestre CONSELHEIRO CARRÃO:

«Não ha antagonismo entre a *theoria* e a *pratica*. A *pratica* é a applicação da *theoria*. Funda-se esta na attenta observação dos factos; fórmula principios que devem dominar todos os phenomenos, sem excepção. Se a *pratica* enfrenta os principios conhecidos, e não é por elles explicada, podemos affirmar com segurança que não são esses os verdadeiros principios dessa sciencia.

A *arithmetica* é a sciencia dos numeros; todas as operações, todos os calculos sobre os numeros — podem, por ventura, deixar de ser conformes aos principios da *arithmetica*? Póde a sua applicação deixar de ser conforme á *theoria*?

Um projectil lançado no espaço deve descrever uma parabola, segundo os principios da *balistica pura*. Se, porém, houver a resistencia do ar, não acontece o mesmo, diz Rossi, e o principio é modificado ou infringido na *pratica*.

Isto não é exacto. A sciencia da *balistica* que deduzio aquelle principio, considerando o vácuo, ha de tambem levar em conta a evolução no meio em que se opéra — a resistencia do ar e de outros corpos; e, applicando ainda dados da sciencia, em vista dos obstaculos normaes ou accidentaes: deduzirá principios adaptaveis a essas condições.

Se a *balistica pura* diz que no vácuo o projectil descreve uma parabola, não affirma todavia que ella descreverá a mesma figura quando tenha de percorrer a *athmosphera*, e sobretudo um ambiente anormalizado por poderosos elementos perturbadores.»

Essa, entretanto, é a única interpretação que comportam aquellas formulas. Como, aliás, admittir-se, *a contrario sensu*, uma Economia Politica—impura, mixta, ou irracional e anti-scientifica!?

44.—Vê-se da exposição que temos feito que nenhuma das denominações empregadas ou propostas pelos economistas antigos ou contemporaneos escapa a uma critica mais ou menos fundada.

Conservemos, por isso, sem pretender que seja irreprehensivel, o appellido —*Economia Politica*.

Tem elle, ao menos, para tal preferencia, a soberana consagração do uso geral, e está, além disso, prestigiado pela autoridade dos doutos.

São Paulo, Fevereiro de 1905.

J. L. DE ALMEIDA NOGUEIRA.
